

O ensino de métodos e técnicas de pesquisa nos cursos de Ciências Sociais

Heloísa Helena T. de Souza Martins – USP

RESUMO

O artigo tem o objetivo de apresentar algumas reflexões sobre o ensino dos métodos e técnicas de pesquisa, buscando esclarecer o processo de constituição de padrões de trabalho científico que orientam tanto a definição dos programas das disciplinas nos cursos de ciências sociais como o trabalho em instituições de pesquisa. Tendo em conta a diversidade de métodos (e técnicas) de investigação e de métodos de explicação, procura reconstruir como o debate em torno dos métodos quantitativos e qualitativos de pesquisa expressa diferentes momentos do processo de afirmação da Sociologia como ciência. O locus dessa história é a sociologia norte-americana em meados dos anos 30, tendo como personagem principal Paul F. Lazarsfeld e a sua atuação junto ao *Bureau of Applied Social Research* na Universidade de Columbia.

Palavras-chave: Metodologia de pesquisa. Métodos qualitativos. Métodos quantitativos.

ABSTRACT

The objective of the article is to present some reflections about the education of the approaches and techniques of research, seeking to clear up the process of constitution of patterns of scientific work that orientate both the definition of the programs of subjects in the courses of social sciences and the work in institutions of research. Considering the diversity of inquiry approaches (and technical) and of explanation approaches, it seeks to reconstruct how the debate around the qualitative and quantitative approaches expresses different research moments of the process of assertion of the Sociology as science. The locus of that history is the American sociology in the early '30s, highlighting Paul F. Lazarsfeld as main character and his action linked to the Bureau of Applied Social Research in the University of Columbia.

Keywords: Research methodology. Qualitative methods. Quantitative methods.

Entendo que entre as três áreas que compõem os cursos de ciências sociais, a Sociologia é a que apresenta as maiores discussões a respeito, assim, é desse campo que retirarei a maior parte de meus argumentos. A história da Sociologia foi sempre marcada pela necessidade de: 1. definir com clareza e precisão qual o seu objeto e, 2. resolver como aplicar ao campo da sociologia os fundamentos da ciência e os princípios do método científico. Na busca de superar as análises impressionistas e extracientíficas sobre a sociedade, passou a valorizar o saber científico, no sentido apontado por F. Fernandes (1977, p. 50) de “ciência como saber positivo, que envolve atitude intelectual diante da realidade, determinando procedimentos de obtenção, verificação e sistematização de conhecimentos e uma concepção definida do mundo e da posição do homem dentro dele”.

Trata-se, fundamentalmente, da necessidade de “fazer ciência” segundo procedimentos do método científico. Mas esse “fazer ciência” não segue um único modelo ou padrão de trabalho científico. Ao contrário, a sociologia foi sempre marcada pela diversidade de métodos (e técnicas) de investigação e de métodos de explicação. Especificamente no que se refere à metodologia de investigação, proponho-me a apresentar, ainda que de forma bastante resumida, como o debate em torno dos métodos quantitativos e qualitativos de pesquisa expressa diferentes momentos do processo de afirmação da Sociologia como ciência.

O uso da metodologia qualitativa teve maior expressão na sociologia, especialmente a norte-americana, até o final dos anos 30, com o predomínio dos estudos de caso e dos estudos de comunidade, com ênfase nas pesquisas centradas na análise da mudança social e suas consequências para a vida dos indivíduos em sociedade. A ênfase na metodologia qualitativa, entretanto, não eliminava o recurso às técnicas quantitativas, muitas vezes tendo a estatística como disciplina auxiliar das análises qualitativas.

As chamadas metodologias qualitativas expressam, de modo geral, o privilegiamento da análise de micro-processos através do estudo das ações sociais individuais e grupais. Realizando um estudo intensivo dos dados, tanto em amplitude quanto em profundidade, os métodos qualitativos tratam as unidades sociais investigadas como totalidades que desafiam o pesquisador. Nesse caso, a preocupação básica do cientista social é a estreita aproximação dos dados, de fazê-los “falar” da forma mais completa possível, abrindo-se para a realidade social para melhor apreendê-la e compreendê-la. Se há uma característica que constitui a marca dos métodos qualitativos é a **flexibilidade**. Flexibilidade quanto às técnicas de coleta de dados, incorporando aquelas mais adequadas à observação que está sendo feita; e heterodoxia no momento da análise dos dados, na medida em que o acúmulo de material obtido por meio dessa metodologia exige capacidade integrativa criadora e intuitiva do pesquisador.

Este é o ponto principal a destacar: o uso da metodologia qualitativa acentua o fato de que a pesquisa sociológica depende, fundamentalmente, da competência teórica e metodológica do cientista

social. Trata-se de um trabalho que só pode ser realizado com o uso da intuição, da imaginação e da experiência do sociólogo. Um trabalho relacionado com processos intelectuais que aproximam o sociólogo do artista, como destaca Nisbet (2000). Um trabalho assim entendido exige que o sociólogo afirme a sua responsabilidade intelectual através de um tipo de trabalho artesanal, visto não só como condição para o aprofundamento da análise mas, também, o que é muito importante, para a liberdade do intelectual.

É evidente que um proposta como essa, que tem na proximidade (ainda que meramente física) entre pesquisador e pesquisado o seu ponto básico, enfrentou muitas críticas e restrições. Os trabalhos que utilizaram metodologia qualitativa foram apontados como essencialmente marcados pela subjetividade, pelo seu caráter não-rigoroso e especulativo, arriscando a neutralidade e a objetividade do conhecimento científico. Eram, por isso, considerados estudos descritivos e exploratórios, devido às dificuldades de se chegar a uma explicação resultante da comparação e da generalização. Tratavam-se, portanto, para muitos, de estudos pré-científicos.

Essas considerações partiam (partem), na verdade, daqueles cientistas sociais que tinham uma outra concepção da sociologia como ciência e de suas possibilidades de compreensão da realidade social. Tomo aqui um dos expoentes da sociologia quantitativa para traçar, em rápidas linhas, como ocorreu o processo de constituição de um novo padrão de trabalho científico. O locus dessa história é a sociologia norte-americana em meados dos anos 30. E o personagem principal é um austríaco, Paul F. Lazarsfeld, que chega nos EUA em 1932, com uma bolsa concedida pela Fundação Rockefeller. Baseio-me, para esses comentários, em artigo de Michael Pollak (1986). O que esse autor nos mostra é o contexto de reorganização e de profissionalização das ciências sociais durante os anos trinta, com o aumento massivo dos meios destinados à investigação social, com a finalidade de desenvolver um novo tipo de investigação que permitisse abolir os limites entre a atividade política e a atividade científica. Ou seja, as chamadas *policy sciences*. Como consequência, configura-se uma estreita união entre política e investigação provocando o alinhamento dos intelectuais da universidade ao sistema político dominante. As pesquisas que atraem os financiamentos são as que tratam dos problemas sociais e as que oferecem a possibilidade de recolher os dados a respeito e apresentar uma análise que possa ser traduzida em soluções administrativas.

Sigamos esse processo através da carreira de Lazarsfeld. Impossibilitado de voltar ao seu país, ameaçado pela ascensão do nazismo, Lazarsfeld intenta organizar nos EUA um instituto de investigação social aplicada, financiado por contratos com clientes públicos e privados e que estivesse ligado a uma universidade. Inicia sua trajetória na Universidade de Newark, depois em Princeton e, finalmente em 1939, na Universidade de Columbia, em Nova York, onde vai dirigir posteriormente o *Bureau of Applied Social Research*.

É nesta instituição que ganha maior impulso a difusão da investigação social diretamente influenciando uma política social e de novos métodos de investigação. Começa a se definir o que para muitos constitui a fase de empresarialização da sociologia, ou, como o próprio Lazarsfeld dizia, da “empresa de investigação administrativa”. Para tanto, ele definia como princípios de organização de sua empresa: “ordens precisas, relações hierárquicas, divisão de trabalho levada ao limite e, correlativamente, a especialização dos membros da equipe” pois entendia que “a divisão do trabalho e a organização hierárquica “eficaz” correspondem a um metodologia afinada e uma padronização dos conceitos e das técnicas de investigação” (POLLACK, 1986, p. 53-54). Lançava-se, assim, as bases para o empirismo sociológico que iria dominar a sociologia no período pós-segunda guerra.

Esse empirismo contido nos *survey research* pretendia oferecer instrumentos diretamente úteis: produzir informações representativas sobre uma população e a previsão de acontecimentos, especialmente a previsão eleitoral. Essas técnicas permitiam, portanto, aos detentores do poder não só conhecer as expectativas e as reações das massas (e não apenas diante de marcas de sabão em pó) mas, principalmente poder evitá-las ou manipulá-las. Durante a 2a. guerra, especialmente, essa concepção da sociologia aumentou as suas vantagens competitivas. Uma grande pesquisa, *The American Soldier* foi dirigida por Samuel Stouffer, membro do Bureau of Applied Social Research e posteriormente nomeado diretor de investigações do exército. Esta instituição, depois da guerra tinha a maior parte de seus contratos com o Ministério da Guerra. Pollak argumenta que a luta contra o fascismo envolveu a cooperação de intelectuais de horizontes ideológicos muito diferentes, como Herbert Marcuse e outros representantes da Escola de Frankfurt e Paul Lazarsfeld. Nesse período de guerra, o *Office of Strategic Studies*, a futura CIA, contava com o serviço de quase todos os intelectuais emigrados.

A análise de Pollack (1986) sobre o conflito entre Adorno e Lazarsfeld põe em evidência as posições existentes no campo da sociologia: de um lado, os que como Adorno criticavam tanto a ênfase na produção dos dados empíricos, descuidando da interpretação dos fenômenos, como a comercialização da produção sociológica; de outro, Lazarsfeld e sua equipe que viam nas análises de Adorno apenas especulação e não uma tentativa de interpretação da realidade com base em uma verificação empírica e estatística.

Esse conflito entre duas estratégias profissionais e intelectuais prefigura, de certa forma, o quadro da Sociologia do pós-guerra, com a afirmação de um novo padrão de trabalho intelectual de orientação empirista, que se especializaria na coleta de dados e em seu tratamento estatístico, a partir do qual todas as outros modos de realizar a pesquisa passam a ser avaliados. Mas, essa oposição entre Adorno e Lazarsfeld indica também uma transformação do papel do intelectual: de um lado, o artesão intelectual, conhecedor de todos os procedimentos necessários a execução do seu *ofício*, homem culto e erudito; de outro, o

técnico cada vez mais especializado no uso do instrumental necessário para fazer progredir a empresa e a profissão do sociólogo.

O período posterior à Segunda guerra mundial, especialmente os anos 50 e 60, corresponde à ascensão da Universidade de Columbia ao primeiro plano das instituições de ensino na área das Ciências Sociais, deslocando a vantagem, até então, da chamada Escola de Chicago. Tudo em nome da eficácia, da utilidade e da cientificidade, decorrentes da quantificação e da matematização. Lazarsfeld chegou a dizer a um de seus colaboradores que “os dados, em si mesmo não tinham muito interesse. Seu único interesse consistia em manipulá-los mediante instrumentos estatísticos” (POLLACK, 1986, p. 70).

Um aspecto importante dessa consolidação dos institutos de pesquisa especializados em surveys é o da sua relação com as universidades: estas passam a admitir a idéia dos contratos comerciais de investigação de tal forma que em meados dos anos sessenta metade da renda da Universidade de Columbia procedia de contratos de investigação. Por outro lado, a formação para a investigação empírica estava essencialmente dirigida para o mercado de trabalho exteriores à Universidade. Tratava-se de formar profissionais para os mercados abertos pela pesquisa de mercado, a publicidade, a administração. Essa concepção de Universidade começa a ser difundida, fazendo com que outras importantes instituições de ensino superior passassem a adotar “essa moderna concepção de sociologia” (POLLACK, 1986, p. 65). Uma sociologia que se especializa progressivamente nos problemas metodológicos e que tem os seus temas de investigação cada vez mais dependentes do mercado, elegendo temas de investigação dotados de “alto valor comercial” (POLLACK, 1986, p. 69).

Segundo Pollack (1986, p. 66), “Lazarsfeld é, sem dúvida, um dos primeiros exemplos de um empresário em ciências sociais, tão preocupado por manter contatos com seus clientes (administrações, fundações, empresas), como pelo ensino e a investigação”. No início dos anos 60, a empresa de Lazarsfeld alcançou o seu apogeu. Sua concepção da sociologia convertera-se em dominante em quase toda a Europa e começava a penetrar na América Latina. É a ele que a Unesco recorre para redigir o artigo sobre a Sociologia para uma enciclopédia de ciências sociais e humanas. Nesse trabalho, a sociologia aparece como uma “ciência americana” e poucas referências são feitas a trabalhos de origem não americana, inclusive com escassas referências a Durkheim, Weber e Marx.

Nessa concepção da sociologia como ciência começa a ganhar importância a publicação dos manuais de métodos de investigação. Um desses manuais, de W. J. Goode e P. K. Hatt, *Métodos em Pesquisa Social*, foi publicado nos EUA em 1952 (no Brasil, sua primeira edição foi em 1960). Tomo-o como referência, pois nele é declarado o reconhecimento de débito dos autores com relação ao pensamento de Robert Merton e Paul Lazarsfeld e ao Bureau of Applied Social Research, da Universidade de Columbia.

De acordo com os autores, a finalidade do livro é a de dar a estudantes não graduados um conhecimento tanto dos “elementos da lógica básica como os procedimentos de pesquisa da moderna sociologia” (GOODE; HATT, 1960, p. IX). Pressupõem que a compreensão das técnicas de pesquisa é fundamental para estudantes, principalmente aqueles que desejam se tornar pesquisadores de campo. Referem-se a uma “sociologia que está se modificando” e, portanto, é preciso conhecer os novos procedimentos científicos. O manual contribui, portanto, para o ensino de métodos e técnicas de investigação, para o treinamento ou adestramento para a profissão.

Entretanto, se o manual tem interesse para aqueles que pretendem se dedicar à carreira em sociologia, ou seja, pretendem ser um profissional, interessa também a todos os que, por necessidades práticas e profissionais, precisam saber avaliar se o resultado de uma pesquisa sociológica é científica ou não.

O desenvolvimento da sociologia e o crescente interesse por sua aplicação em questões práticas são responsáveis pela multiplicação dos cursos de métodos e técnicas de pesquisa. Para os autores, a ênfase posta nos cursos de métodos de pesquisa é “um bom sinal do desenvolvimento da jovem ciência sociológica” (GOODE; HATT, 1960, p. 4). Esta perspectiva, que define a sociologia (e as outras ciências humanas) como ciências em desenvolvimento, se aproxima da concepção de Lazarsfeld que vê a física e as matemáticas como as ciências que ocupam o topo da hierarquia no universo das ciências.

Para essa concepção, existe um conflito em relação à sociologia como ciência. Vêem-na como uma ciência nova, recente, acentuando a sua fragilidade científica, especialmente em decorrência das dificuldades de tratamento de um objeto como o ser humano, tão sujeito a modificações, complexo e que, principalmente, reage a qualquer tentativa de caracterização e previsão. Além do que, a análise do comportamento humano é feito por um observador humano, falível e tendendo a distorcer os fatos. Tudo isso tem levado a concluir que a sociologia tem uma base científica frágil e “se transformaria no estudo de situações infinitamente variáveis, únicas e não mensuráveis e não na investigação do comportamento repetido, simplificável e observável” (GOODE; HATT, 1960, p. 5).

Para esses autores, o ideal seria desenvolver uma forma de conhecimento, diferente do senso comum e para isso seria necessário operar com métodos que ajudam a controlar observações, a realizar abstrações e reduzir a variabilidade e a complexidade. Só assim o caráter científico da Sociologia seria garantido.

O avanço em direção a um fortalecimento das bases científicas da sociologia significou o desenvolvimento especialmente das chamadas técnicas quantitativas. Quando Goode e Hatt (1960) falam em “nível mais elevado de sofisticação metodológica” e maior “precisão técnica” na pesquisa sociológica estão se referindo à superação do que consideram os “equivocos” e dificuldades anteriores ao surto quantitativo.

Um exemplo, para esses autores, do “sucesso” da sociologia ou de sua nova posição foi o aumento do número de cursos de sociologia na escola secundária e nas universidades e o número de alunos matriculados nesses cursos. Além disso, apontam o crescimento do número de programas sociais que utilizam as técnicas de pesquisa social e o aumento do número de empregos oferecidos a sociólogos. Isso tudo faz com que aumentem as exigências para os que querem trabalhar como sociólogos, no sentido de um adestramento ou preparação, principalmente quanto à necessidade de compreensão dos métodos empregados.

Para Goode e Hatt (1960), o desenvolvimento da Sociologia, a sofisticação metodológica e a habilidade técnica do sociólogo derivam diretamente do fato de que esses profissionais foram capazes de perceber “seu campo como tendo os mesmos fundamentos de qualquer outra ciência” (p. 8). O que prevalece na concepção desses autores é a idéia de que o domínio das técnicas garante a “cientificidade” e que essas técnicas podem aplicar-se, em princípio, a todos os objetos. Mais do que tudo, o manual tem o objetivo não só de ensinar as técnicas que “caracterizam a moderna pesquisa sociológica” mas sim de desenvolver maneiras de pensar.

Dos manuais aos programas das disciplinas de métodos e técnicas de pesquisa o que se observa é a implantação de um novo padrão de trabalho científico, que tem no survey o seu modelo de pesquisa empírica. Retomando o modelo das ciências naturais, os sociólogos comprometidos com essa perspectiva defendem o paradigma de uma ciência asséptica, objetiva e, por isso, não comprometida com juízos de valor. A sociologia, enquanto ciência, aparece como o resultado não da “livre reflexão, intuição e imaginação, mas sim da rigorosa aderência ao procedimento”. Inicia-se a primazia do que Nisbet (2000) denomina de *mito do método*.

Sob a égide da neutralidade e da objetividade científicas há o privilegiamento de um conjunto de técnicas empíricas como o único válido e aceitável, como forma de se opor ao que é visto como ensaísmo e ideologização do conhecimento sociológico. Por essa perspectiva, o sociólogo passa a ser pensado como *profissional* e não como “ideólogo”. Mas um profissional que se realiza através da aprendizagem de um aparato moderno e sofisticado que lhe garante a realização de pesquisas científicas fundamentais para a construção de uma *carreira*.

A meu ver, a preocupação com a carreira faz com o sociólogo relegue ao esquecimento questões essenciais que estão profundamente ligadas à emergência da sociologia e que permitem entendê-la como uma “auto-consciência científica da realidade”, conforme Freyer (1944) a concebe. Na medida em que a sociologia se afirma como uma profissão e não mais como uma vocação, o sociólogo profissional deixa de se preocupar com o uso de seu conhecimento e com questões tais como: a quem interessa o seu traba-

lho? Conhecimento para que? Para quem ele trabalha? Por que está desenvolvendo determinado projeto de pesquisa?

Em resumo, o que pretendi expor aqui é que a ênfase no formalismo científico significou, para a sociologia, um compromisso ideológico com diferentes aspectos da ordem em vigor. Em nome da neutralidade científica, os defensores de uma ciência empírica sustentada pelos métodos quantitativos acabaram por comprometer politicamente a disciplina pela qual eram responsáveis (NICOLAUS, 1982).

REFERÊNCIAS

FERNANDES, Florestan. O padrão do trabalho científico dos sociólogos brasileiros. In: _____. **A Sociologia no Brasil: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento**. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 50-76.

FREYER, Hans. **La sociologia, ciencia de la realidad**. Buenos Aires: Losada, 1944.

GOODE, W. J.; HATT, P. K. **Métodos em pesquisa social**. São Paulo: Editora Nacional, 1960.

NICOLAUS, Martin. A organização profissional da sociologia: um enfoque a partir da base. In: BLACKBURN, R. (Org.) **Ideologia na ciência social**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p. 42-56.

NISBET, Robert. A sociologia como forma de arte. **Plural - revista do curso de pós-graduação em Sociologia**. São Paulo: USP, n. 7, p. 111-130, 1. sem. 2000.

POLLAK, Michael. Paul F. Lazarsfeld, fundador de una multinacional científica. In: ALVAREZ-URIA, F; VARELA, J. (Org.). **Materiales de Sociologia Crítica**. Madrid: Ediciones de La Piqueta, 1986. p. 37-82.